

Processo Seletivo de Monitoria 2024

Disciplina: FILOSOFIA GERAL

PARÂMETRO DE CORREÇÃO

Para as questões 1 e 2, a leitura de referência é o seguinte texto:

DUTRA, L.H. de A. (2010) Introdução à Epistemologia. São Paulo: Unesp. Capítulo:1.

Questão 1.

O autor, seguindo uma longa tradição de investigação filosófica no âmbito da epistemologia, caracteriza o conceito de conhecimento em termos de crença verdadeira acompanhada de justificção. Uma pessoa sabe que p (em que p está no lugar de uma afirmação), quando ela de fato acredita que p . Afinal, não faria sentido dizer que uma pessoa sabe que p mas ela mesma não acredita que p . No entanto, não basta ter a crença de que p , é preciso também que p seja verdadeiro. Uma crença falsa não pode constituir um tipo de conhecimento porque não podemos saber que p se p for falso. Eu posso, por exemplo, acreditar que existem duendes, mas eu não posso “saber” que existem duendes, e razão para isso é que duendes simplesmente não existem. Por fim, não basta termos crenças verdadeiras para termos conhecimento, é preciso também termos alguma boa justificativa (ou prova ou demonstração) em favor da crença, do contrário não teríamos como diferenciar crenças que são verdadeiras por mero palpite, como quando alguém “chuta” a resposta correta numa prova, das crenças que são amparadas em boas razões, ou seja, crenças para as quais temos uma boa justificativa.

Questão 2.

Com a denominada “virada linguística”, muitos autores e autoras se propuseram a resolver antigos problemas filosóficos com base em uma análise rigorosa da linguagem. Isso contrasta com a posição defendida por vários autores importantes na história da epistemologia, como por exemplo René Descartes, que concebia a investigação filosófica como uma espécie de exercício de introspecção. Para essa tradição, aquilo que pode ser verdadeiro ou falso são “ideias”, ou “representações”, ou “pensamentos” na mente de cada pessoa. Com a virada linguística, aquilo que é dito ser verdadeiro ou falso não são exatamente ideias na mente das pessoas, mas proposições, concebidas em termos entidades linguísticas. Uma possível vantagem desse tipo de abordagem, como algumas autoras e autores propuseram, é que a linguagem é pública, compartilhada por várias pessoas, por oposição a ideias ou pensamentos privados na mente de cada pessoa.